

ROMPIMENTOS ELEITORAIS E CICLOS POLÍTICOS: O QUE NOS DIZEM AS ELEIÇÕES ESTADUAIS DO CEARÁ ?

SILVA, Emanuel Freitas da¹

Resumo

O texto apresenta parte de nossa pesquisa sobre o ciclo político liderado por Tasso Jereissati no Ceará, iniciado com sua eleição para o governo estadual, em 1986, e concluído com sua eleição para o Senado Federal em 2002, e os rompimentos eleitorais por ele levados a cabo durante esse período. Em especial, destacamos os rompimentos com Lúcio Alcântara, na eleição de 2006, levando-o a ser derrotado a partir do esvaziamento de sua candidatura; e o rompimento com Cid Gomes, na eleição de 2010, quando Tasso lança um candidato próprio ao governo e é derrotado em sua tentativa de reeleição ao Senado. Com a vitória de Cid Gomes, concluímos, será possível falarmos de um novo ciclo político no Ceará?

Palavras-Chave: eleições, ciclo políticos, rompimentos eleitorais.

ELECTIONS RUPTURES AND POLITICAL CYCLES: WHAT THE CEARÁ STATE ELECTIONS HAVE TO SAY TO US?

Abstract

This paper presents part of our research on the political cycle led by Tasso Jereissati in Ceará, which began with his election to the state government in 1986, and completed his election to the Senate in 2002, and disruptions election he led the cable during this period. In particular, we highlight disruptions with Lúcio Alcântara, in the 2006 election, leading him to be defeated from emptying his candidacy, and the breakup with Cid Gomes, in the 2010 election, when Tasso launches its own candidate to the government and is defeated in his bid for reelection to the Senate. With the victory Cid Gomes, concluded, it will be possible to speak of a new political cycle in Ceará?

Keywords: election, cycle politicians, electoral disruptions.

Introdução

Ao observador da cena política estadual no Ceará, as duas últimas eleições parecem sugerir o esgotamento de um ciclo político em ação desde a volta das eleições livres para os governos estaduais em 1986, quando o empresário Tasso Ribeiro Jereissati vence as eleições no Ceará e engendra a formação, legitimação e hegemonia de um longo ciclo de poder que tem a si mesmo como expoente maior. O presente texto, pois, trata de uma apresentação de algumas questões que foram colocadas a partir da observação de que a vitória de Cid Gomes, em

¹ Departamento de Educação da Universidade Regional do Cariri (URCA). Email: emanuelfreitas@gmail.com

2006, ao governo estadual pode sugerir a formatação de um novo ciclo de poder estadual, mas tendo como eixo orientador a compreensão da possibilidade desse novo ciclo ser gerada a partir de uma postura política de Tasso Jereissati presente nas duas eleições consideradas: a de 2006 e a de 2010, quando o então senador pelo PSDB engendra rompimento político-eleitoral com Lúcio Alcântara, não apoiando-o à reeleição e esvaziando sua candidatura em 2006 e, ao não receber apoio de Cid Gomes em 2010 para sua candidatura de reeleição ao Senado em 2010, rompe com este e passa a tecer-lhe duras críticas naquele pleito. Nossa hipótese será a de que os rompimentos levados a termo por Tasso Jereissati apresentam-lhe resultados políticos distintos, mas têm sido seu instrumento privilegiado de busca de manutenção de sua liderança política no Ceará.

Objetivos

Compreender os mecanismos de construção, legitimação e hegemonia de Tasso Jereissati e Cid Gomes na história do Ceará contemporâneo (1986-2014). Analisar as retóricas postas em circulação por Tasso e Cid quando dos momentos eleitorais por eles liderados.

Método

Com o recorte dado ao objeto aqui apresentado, a metodologia utilizada foi a seguinte: um levantamento de trabalhos publicados sobre a “Era Tasso” e sobre as eleições no Ceará nas duas últimas décadas, sempre tendo como foco as eleições para o governo estadual. Depois, nosso segundo passo foi, a partir das descobertas da pesquisa bibliográfica, desenvolver outras dimensões investigativas que se mostrarem importantes para a apreensão da “Era Tasso” e da “Era Cid pesquisa em jornais, afim de recuperar, por dentro, os mecanismos de construção e legitimação da hegemonia de Tasso e de seu declínio, com foco nos dois principais jornais do Ceará: O Povo e Diário do Nordeste. Também realizamos uma pesquisa junto aos arquivos do Laboratório de Estudos de Processos Eleitorais e Mídia (LEPEM-UFC) para a gravação e devida análise dos programas eleitorais, com o intuito de compreender e analisar as retóricas postas em circulação durante os momentos eleitorais.

Resultados e Discussão

Tasso Jereissati chega ao poder estadual do Ceará em 1986, apoiado em sua campanha eleitoral por uma ampla coligação de partidos – inclusive os partidos de esquerda, como o PCdoB – e por amplos setores da sociedade civil organizada, com destaque para o Centro Industrial do Ceará (CIC), capitaneando as mudanças esperadas na cena política. Essa vitória eleitoral garantiria um papel hegemônico à sua figura: primeiro, por inaugurar um tempo de disputas eleitorais não-competitivas para o Governo do Estado, saindo-se ele mesmo vencedor em primeiro turno nas eleições de 1994 e 1998; segundo, por conseguir eleger seu sucessor, nas duas ocasiões em que não poderia mais disputar a reeleição (Ciro Gomes em 1990 e Lucio em 2002); terceiro, por sempre eleger senadores que consigo estavam coligados (Mauro Benevides e Cid Carvalho em 1986, Beni Veras em 1990, Lúcio e Sérgio Machado em 1994, Luis Pontes em 1998, Patrícia Sabóia e ele mesmo, em 2002). Assim é que estudos puderam constatar que “a liderança de Tasso Jereissati constitui um outro ciclo de poder político no Estado do Ceará, onde existe uma base ideológica forte de legitimação e que se configura politicamente forte” (PARENTE, 1999:179).

O que vem a ser um “ciclo político”? Entendemos com esse termo como uma nova forma de poder advinda da redemocratização brasileira, em que

[...] a possibilidade de continuidade é determinada pelo poder de sedução de uma *'persona'* política (indivíduo, grupo, partido) capaz de fundar-se no imaginário político popular, instaurando uma temporalidade simbólica, que a mídia consagra como "Era". (CARVALHO, 2008, p. 23)

Devendo sua eleição à configuração de um projeto político intitulado "Projeto das Mudanças" e que tinha à frente o CIC, Tasso implementa um modo de governar pautado pelos ditames da modernização administrativa.

A primeira eleição de Tasso Jereissati para o Governo do Ceará, em 1986, não pode ser avaliada como um fenômeno circunstancial. Ao contrário, trata-se de importante fato político cuja elucidação propicia compreender a política cearense nas três últimas décadas. Isto porque, a partir daquele momento, foi inaugurado um novo ciclo de hegemonia, processo mais complexo do que a simples substituição de dirigentes estatais. (NOBRE, 2008:92)

Eleito governador, Tasso passa a hegemonizar tanto o poder político estadual quanto a liderança partidária do PSDB, para onde migrará em 1989. Sua vitória- e as vitórias dos candidatos aos mais diversos cargos que estiveram abrigados sob sua liderança- demonstra a formatação do importante ciclo político que "ganhou nomeações que não deixam dúvidas sobre a centralidade atribuída ao seu 'fundador'- 'tassismo', 'era Tasso'" (CARVALHO, 2008: 23).

A eleição de 2002 trazia como fato principal a sucessão de Tasso Jereissati (que por três vezes havia estado à frente do comando estadual e que, agora, não poderia mais candidatar-se à reeleição) e mostrava-se, sem dúvida, como um momento importante da história política do Ceará, principalmente por trazer de volta a competitividade eleitoral no cenário estadual. É o que podemos compreender a partir do seguinte texto publicado pela revista *Inside* à época:

Sucessão, profecias e milagres – há poucas semanas ninguém nos bastidores políticos duvidava que o PSDB de Tasso elegeria seu sucessor, quem quer que fosse. Com o surgimento de mais candidaturas parecidas com a modernidade neoliberal e o surpreendente avanço no processo de coalizão das esquerdas, a coisa mudou. Pela primeira vez em 15 anos os cearenses podem ter uma alternativa real ao poder e nenhum mágico vai tirar da manga da camisa ou coelho da cartola alguém para entronizar no Cambeba (REVISTA *Inside*, janeiro de 2002).

Conforme já foi destacado aqui, a centralidade do poder estadual e do poder político-partidário nas mãos do ciclo tassista configurou-se por apresentar momentos eleitorais de pouca competitividade em que, tanto Tasso Jereissati quanto seus aliados, sempre venceram as eleições estaduais (Governo, Senado Federal, Câmara dos Deputados e Assembléia Legislativa) com bastante facilidade, e no caso das eleições para o Governo, sempre em primeiro turno. Essa possibilidade, pelo próprio desgaste por que passava o campo político tassista, estava longe de tornar-se realidade, pois vislumbrava-se uma campanha que traria de volta a competitividade perdida desde o ido ano de 1986. Assim, seria a primeira vez que teríamos a realização de um segundo turno para o cargo de Governador do Ceará:

De fato, resultados não antecipados talvez tenham sido a característica mais presente nos resultados das eleições de 2002 no Ceará, diferentemente do que ocorreu nos pleitos dos anos 90, quando as vitórias e derrotas eram vitórias e derrotas anunciadas pelos institutos de pesquisa com distâncias a perder de vista. Agora, foi a primeira vez que aconteceu um segundo turno em eleição para governador do Estado, desde que, pela Constituição de

1988, tal mecanismo foi instituído [...] Pedindo de empréstimo a imagem, aconteceu um raio num céu de meio-dia ensolarado, a pedir pesquisas de maior profundidade do processo político-eleitoral cearense que meras estatísticas. (MORAES, 2002, p.1-2)

Convém compreender que tal eleição “acabou por ganhar um traço plebiscitário” (*Idem, op.cit.*, p.8), levando os eleitores a decidirem apertadamente pela manutenção ou não do modelo político hegemônico há mais de uma década. O grupo liderado por Tasso Jereissati, formado que era por diversos atores políticos, já não se apresentava mais como concorde e unânime nas decisões. Na real possibilidade da sucessão de Tasso em 2002, vários nomes se levantaram dentro do PSDB, pleiteando a indicação para a disputa, indicação essa que sempre foi caracterizada como uma “indicação” pessoal e uma decisão tomada por Tasso e “comunicada” aos demais. É aí que ganha destaque a figura de Sérgio Machado, eleito senador com Lúcio Alcântara em 1994 e que havia tido seu nome preterido na primeira sucessão de Tasso Jereissati, em 1990, frente ao nome de Cid Gomes. À época, Sérgio ocupava a Secretaria de Estado, e teve seu nome rejeitado, segundo Tasso Jereissati, por aparecer mal colocado nas pesquisas de intenção de voto. Tendo mais uma vez seu nome rejeitado, ainda em 2001 Sérgio troca o PSDB pelo PMDB, alegando em seu discurso de filiação que estava “mudando de partido, mas não de objetivos ou ideais”, pois quem havia mudado era o “PSDB do Ceará, que prega a democracia mas não a pratica internamente”. O fato é que Sérgio Machado sai candidato pelo PMDB e tem uma campanha profundamente marcada por críticas duras às gestões de Tasso Jereissati.

Uma outra defecção das hostes tassistas veio a modificar o quadro sucessório de 2002 protagonizada por um outro político ligado à Tasso Jereissati: trata-se do então presidente da Assembleia Legislativa, Wellington Landim, que também deixara o PSDB em 2001 e ingressara no PSB. Seu rompimento foi exposto na capa da revista “Fale”, em outubro de 2001, espalhada em outdoors pelas ruas da cidade de Fortaleza com o seguinte texto: “*Wellington Landim- o homem que peitou Tasso*”. Rompido com o então governador Tasso, Wellington Landim consegue os votos necessários para instalar uma CPI do BEC (Banco do Estado do Ceará) para investigar denúncias de irregularidades na concessão de empréstimos a empresas e políticos entre 1995 e 1998, que teriam resultado em um rombo de R\$ 700 milhões aos cofres públicos, atacando diretamente a gestão de Tasso Jereissati, chegando inclusive a quebrar a espécie de “união” que havia entre o Executivo e o Legislativo.

Um balanço da disputa eleitoral de 2002 pode ser apresentado da seguinte forma:

Após longo período de hegemonia, o grupo político empresarial enfrentou as primeiras dificuldades na eleição de 2002. Nesse momento, o candidato escolhido para disputar o governo do Ceará é Lúcio Alcântara, que *não tem forte identidade com o grupo, mas foi uma alternativa diante das disputas no interior do bloco tassista* e por se apresentar como uma das lideranças com capacidade para vencer aquele processo eleitoral.

[...]

Assim, a escolha de Lúcio Alcântara para a disputa eleitoral de 2002 pode ser considerada um indicativo de esgotamento do ciclo de poder hegemônico dos empresários que se aglutinaram no CIC. Esta hipótese se sustenta na percepção de que se dispunha, naquele momento, de outros candidatos capazes de representar com mais identidades aquele grupo (Cid Gomes ou Luis Pontes). Entretanto, ao apoiar um nome não inteiramente afinado ao projeto do CIC, o ex-governador Tasso Jereissati teria buscado intervir no processo eleitoral de 2002, resguardando a si mesmo e a seu grupo de uma possível derrota eleitoral ou de ter seu nome vinculado a esse processo desgastante (NOBRE, 2008, p. 85-86, grifo nosso).

Ressalte-se que, mesmo tendo nomes mais ligados a si (Cid Gomes e Luis Pontes, por exemplo), identificados mais com o projeto político de Tasso Jereissati, deixados de lado, preteridos frente ao nome de Lúcio Alcântara, estes nomes ocuparão cargos importantes na campanha eleitoral, assegurando a Tasso Jereissati o domínio da campanha. A mesma idéia é compartilhada pela seguinte análise, onde a escolha do nome de Lúcio aparece como um ato em que Tasso desejava que o possível “desfecho” do ciclo de poder por ele liderado

[...] aparecesse como escrito e decidido pelo próprio autor, e não à sua revelia. Ou seja, Tasso escolhe o candidato que o sucederá, mas não à sua imagem e semelhança. O sucesso ou fracasso da gestão de Lúcio já não teria a marca do tassismo (CARVALHO, 2008, p.27).

Lúcio alcança um total de 1.625.202 votos no 1º turno (ou 49,79% do total de votos válidos) e no segundo turno 1.765.726 votos no 2º turno (ou 50,04%), elegendo-se governador na mais disputada eleição cearense desde a redemocratização e desde que o 2º turno foi instituído pela Constituição de 1988.

Passado o resultado das urnas, que conferiram-lhe a vitória apertada no segundo turno da eleição de 2002, Lúcio Alcântara montou para si uma equipe que não deixava dúvida quanto à permanência e a penetração de Tasso Jereissati no conjunto de secretários: em sua grande maioria, eram todos ligados a este. Um excelente balanço a esse respeito foi feito pelo jornalista Erivaldo Carvalho, também do jornal *O Povo*, em sua coluna política; a começar pelo papel desempenhado pelo tassista Maia Júnior, que

[...] foi emplacado na condição de candidato a vice-governador. Na gestão Lúcio, Maia passou a acumular a função com o comando da poderosa Secretaria de Planejamento e Coordenação (SEPLAN). Entre outras atribuições, a pasta é responsável pela formação do orçamento do Estado, a peça que orienta receitas e despesas dos governos. Da SEPLAN, Maia estendeu sua influência para outras áreas, como a de infra-estrutura do Estado. A partir de 2005, o naco de poder do secretário foi ampliado para a área do Esporte e Juventude, com a substituição do lucista André Figueiredo (PDT) por Lúcio Bomfim, este ligado a Maia. “Sempre foi uma liberdade vigiada”, diz um membro da equipe de Lúcio. (O POVO, 09/09/2006).

A compreensão dos desdobramentos da eleição de 2006 passa, necessariamente, pela compreensão desse fato: Lúcio Alcântara montara uma equipe de governo majoritariamente ligada a Tasso Jereissati. Assim, quando este resolve tirar o seu apoio à reeleição de Lúcio, será toda uma equipe que se verá também deixá-lo abandonado. Ao assumir o Governo do Estado em 2003, Lúcio deixa o então Centro Administrativo, conhecido como “Cambeba”, e ocupa o Palácio Iracema, de onde passa a gerir a máquina pública. Seu vice, Maia Júnior, passa a despachar no Palácio Abolição. Por este, não nutre Lúcio nenhum sentimento de gratidão ou de respeito, posto que, segundo o próprio Lúcio afirmara na entrevista realizada para essa monografia, Maia Júnior “fazia uns artigos, atacava os secretários”, “todo dia ia dar informações do governo ao Tasso, o que tinha, como era, como não era”. Além disso, completa com decepção: “acho que ele queria era o meu lugar, no governo”.

Tasso deixara sua marca no governo de Lúcio Alcântara e, por isso mesmo, deslocava para si o centro de comando da política estadual e das decisões partidárias. É nesse sentido que logo no início de 2006, ano de disputa pelo governo estadual o jornal *O Povo* estampa uma matéria com o título “Cambeba já estuda alternativa ao PSB”. Naquela altura, a candidatura de Cid Gomes (PSB) já estava consolidada. Cabia, pois, ao PSDB ou coligar-se com Cid Gomes ou, desde já, decidir por uma sua candidatura própria, o que parecia dar-se como certo a candidatura de Lúcio Alcântara à reeleição. Contudo, o teor da entrevista com o senador Luis Pontes deixava antever que Lúcio não era o candidato natural do partido e nem o preferido de Tasso, isso porque os elementos presentes na entrevista deixavam perceber a relação histórica de Tasso com os irmãos Ferreira Gomes, como algo a ser impreterivelmente mantido. Inquirido sobre a possibilidade de “baterem chapa” em outubro PSDB e PSB, o senador afirma categoricamente: “eu não admito”. Tal fato, pois, segundo ele, “vamos marchar unidos, para a consolidação desse projeto”.

Completando o quadro de incertezas e de “fogo amigo”, Lúcio vê seu vice, Maia Júnior, escrever um artigo no jornal *O Povo*, em 16/02/2006, onde este fala em “necessidade de avanço na máquina estadual”, apontando as limitações “administrativas do governo”, a quem estaria faltando “foco e objetividade”. Logo, Lúcio matinha porta-vozes que não encarnavam a sua voz, chegando mesmo Maia Júnior a defender, após a reunião da equipe de governo, uma “aliança entre o PSDB e o PSB”. Pouco tempo depois, Tasso Jereissati começa a dar início ao processo de escolha do nome do PSDB que disputaria o Governo do Ceará, dando mais uma vez mostras de que Lúcio não era seu preferido. Em 14 de março, o jornal *O Povo* noticia que o senador havia escutado “parlamentares e prefeitos” acerca do processo eleitoral de 2006 e que Tasso sinalizara com o desejo de ver aliados

ao PSDB o PFL e o PMDB. A matéria deixava ver, contudo, que fontes asseguravam que “embora se diga que Lúcio é o candidato de Tasso, se isso fosse fato consumado o próprio senador já haveria dito”.

Segundo noticiou-se na época, uma fonte ligada a Tasso Jereissati informara que os três teriam saído daquela reunião com o objetivo de encontrarem juntos uma solução para manter-se a aliança de 20 anos entre Tasso e os irmãos Ferreira Gomes. Contudo, o PT cearense, que já vinha costurando o apoio a Cid Gomes logo tratou de fechar a aliança, fazendo evaporar-se, assim, as pretensões de Tasso Jereissati de inviabilizar uma candidatura forte apoiada pelas esquerdas. Apesar disso, o clima político dentro do PSDB não esfriou, Incomodado com o vazamento da reunião para a imprensa e com a recusa de Lúcio em disputar a vaga para o Senado, em 3 de abril Tasso reuniu todas as lideranças e parlamentares do PSDB em Fortaleza e tratou de atacar, implicitamente, o governador Lúcio Alcântara, ausente da reunião. É novamente a imprensa quem nos dá a dimensão exata do encontro liderado por Tasso Jereissati:

“Encruzilhada”: Com uma cartada arriscada, Tasso Jereissati expôs com agressividade sua insatisfação com Lúcio Alcântara na frente de todos os tucanos e da imprensa do Estado, abrindo uma crise sem precedentes no PSDB. Impressionante: os tucanos entram na disputa muito mais divididos que os petistas. E não é só Lúcio Alcântara quem está num labirinto sem saída, é todo o partido. Com a maquina estadual na mão, Lúcio ainda tem chance de tentar a reeleição, mas como fazer isso sem o apoio de Tasso, que personifica o PSDB no Ceará? (*Idem*, 08/04/2006).

Lúcio, então, já sabia o que significava aquele gesto de Tasso. Ao lembrar esse fato, informa que enfrentara “*muitas adversidades, uma foi a própria oposição do Tasso, que não me apoiou, dividiu o partido.*” O quadro teria mais gravidade, segundo Lúcio informa, porque Tasso “*era presidente do partido, mas recomendou contra*” sua candidatura. Em suas palavras, “foi chutar o pau da barraca. O Tasso convidou o partido, os prefeitos, os deputados, inclusive o Léo era deputado, pra ouvir aquelas diatribes lá, inclusive contra o próprio Léo”. Na busca de uma reação que lhe fosse favorável, Lúcio busca apoio nas hostes extra-partidárias: buscando dar mostras de sua força política, reúne 117 prefeitos municipais em um almoço de adesão à sua candidatura, cujas imagens seriam exibidas em sua propaganda eleitoral com depoimentos de alguns que ali se fizeram presentes. Além disso, estavam presentes alguns deputados estaduais e federais. Ao final do almoço, Lúcio afirmava à imprensa que “*temos a consciência tranqüila de que fomos fiéis ao projeto*” (jornal *O Povo*, 17/05/2006). Estava, assim, armado o palco da sucessão estadual de 2006. Concorriam Lúcio Alcântara, pela coligação “*Ceará vota pra crescer*” (PSDB, PFL); Cid Gomes pela coligação “*Pra Frente Ceará*” (PSB, PT, PMDB, PC do B); Renato Roseno pela coligação “*Frente de Esquerda Ceará Socialista*” (PSOL); José Maria de Melo pela coligação “*Faça a diferença*” (PL); o coronel Gondim (PSDC) e a professora Salette Maria (PCO). Ao final da eleição, o resultado das urnas confirmou o que os institutos de pesquisa atestavam: Cid Gomes venceu a disputa em primeiro turno com 2.411.457 votos, ou 62,38% do total, enquanto Lúcio ficou em segundo lugar com 1.309.277. ou 32,50% do total. O PSDB elegeu 15 deputados estaduais e 6 federais, dos quais 4 acompanharam Lúcio quando este deixou o PSDB pelo PR (Partido da República): Leo Alcântara, Marcelo Teixeira, Vicente Arruda e Adahil Barreto.

O pleito de 2006, ainda em curso, deixava duas realidades definidas: o apoio de Cid Gomes à reeleição de Luizianne Lins à Prefeitura Municipal de Fortaleza, em 2008 (posto ter sido esta a principal colaboradora no apoio do PT à candidatura de Cid) e o apoio, em 2010, ao nome de Eunício Oliveira ao Senado Federal (uma vez que este havia desistido de disputar a vaga em 2006 para apoiar Inácio Arruda). Somente isso. Contudo, antes mesmo de findar o pleito de 2008, a questão do apoio político de Cid Gomes aos candidatos ao Senado já está posta. Em setembro de 2008, sob o título “Tasso diz que não cobrará apoio de Cid”, o Jornal *O Povo* apontava os possíveis desdobramentos da eleição que avizinhava-se:

Uma triangulação envolvendo a prefeita Luizianne Lins (PT), o governador Cid Gomes (PSB) e o senador Tasso Jereissati (PSDB) começa a tomar forma, com conseqüências previstas para as eleições de 2010. Conforme OPOVO publicou na última quarta-feira, a petista se diz convicta de que Cid não apoiará uma possível candidatura de Tasso ao Senado (...) “Ele não me deve nada, não vou cobrar nada dele”, disse Tasso. (...) O petista Eudes Xavier explicou que já se está “discutindo o apoio rigoroso a Cid Gomes e o fortalecimento do projeto de Lula” (O POVO, 19/09/2008, Política, p.17).

Percebe-se que, mesmo antes da indicação dos nomes que disputariam as vagas para o Senado, o plano de ação já estava traçado: apoiar Cid Gomes e fortalecer Lula, e nesse plano, pois, não havia lugar para Tasso Jereissati. Conforme vai percebendo esses movimentos, as lideranças do PSDB vão fazendo surgir o desejo de uma candidatura própria ao Governo do Ceará em 2010. O primeiro nome a ser pensado é o do próprio Tasso: “ficou claro o desejo dos tucanos de que o partido tenha um candidato. A torcida é para que Tasso se candidate” (*Idem*, 18/11/2008, Política, p.15). Passados esses movimentos iniciais, Tasso Jereissati volta a ser “pauta do dia” ao afirmar: “ainda não sei se serei candidato à reeleição” (*Idem*, 06/06/2009, p.18). A matéria deixava clara qual seria a consequência imediata de uma não-candidatura de Tasso Jereissati: o caminho estaria livre para Eunício Oliveira e para que o PT emplacasse o seu nome para a disputa. Porém, em 2009 teremos alguns rompantes “oposicionistas” de Tasso Jereissati em relação ao governador Cid Gomes. Em sua maioria, dirão respeito às ações da Companhia de Policiamento Rodoviário (CPRV). Sob o título “No interior, Tasso incita polemias contra Cid”, matéria veiculada pelo Jornal *O Povo* relatava que,

(...) após reclamação de um eleitor, Tasso incitou a polêmica: “quem mais quer falar sobre a CPRV?” (...) “Quem acha que a CPRV está agindo correto levanta a mão! Ninguém? E quem discorda?”, questionou, ouvindo gritos e aplausos como resposta (...) *Tasso foi aclamado como governador pelos eleitores* e pelo deputado Cirilo Pimenta (PSDB). (*Idem*, 31/10/2009, p.21, grifo nosso).

A disputa pelo apoio de Cid Gomes volta à ser notícia quando este recebe Tasso Jereissati no campus da Universidade Federal do Ceará (UFC) em Sobral para receber uma condecoração. Nesse evento, Cid elogia Tasso como “um marco na história administrativa do Estado”, e este já deixa clara sua intenção de disputar a reeleição para o Senado, afirmando que “o meu objetivo maior é continuar servindo ao povo do Ceará, mas no Senado” (*Idem*, 06/03/2010). Em abril de 2010, os tucanos realizam um encontro em Fortaleza de onde surgem duas decisões: Tasso não seria candidato a governador e o partido não entraria em nenhuma coligação que tivesse o PT como participante. Em outras palavras, estariam fora da coligação que daria apoio à reeleição de Cid Gomes. Isso fazia surgir, pois, um horizonte que apontava para uma candidatura própria do PSDB ao governo do Estado. Nas palavras de Tasso Jereissati, “o Ceará precisa de uma chacoalhada, de sangue novo, daquela circulação mais vibrante” (*Idem*, 20/04/2010). A defesa de Cid Gomes, pressionado pelo PT para declarar apoio a Pimentel, e pelo PSDB para declarar apoio a Tasso, seria posta em circulação por Ciro Gomes. Segundo este, “o governador Cid Gomes não vai aceitar faca no peito nem de Luizianne nem de Tasso”. No mesmo dia, 3 prefeitos do PMDB anunciavam apoio às candidaturas de Tasso e Eunício para o Senado Federal.

Contudo, será com uma proposta de “superação” e assemelhando o governo Cid com “velhos vícios” que Tasso lançará a candidatura de Marcos Cals ao Governo do Ceará:

Tasso quer fim do ciclo “Ferreira Gomes- Jereissati” – Em momento de auto-crítica e, ao mesmo tempo, de ataque ao ex-aliado e hoje adversário, o senador Tasso Jereissati defendeu ontem o fim do controle político do Ceará pelas famílias Jereissati e Ferreira Gomes, que governam o Estado, quase ininterruptamente, há 24 anos. “É um ciclo cansado”, avaliou Tasso (...). O senador prometeu “acabar com a hegemonia de um grupo só no Ceará”, e recriou ainda uma suposta estratégia cidista de “juntar todos os partidos de um lado só, uma visão de que a política tem de girar em torno dele” (*Idem*, 25/06/2010, p.17).

A resposta do lado opositor logo seria dada: o PT abria mão da vaga de vice-governador na chapa de Cid e este apoiava o nome de José Pimentel para o Senado. Assim, a coligação já estava selada: Cid estaria, pois, de um lado oposto ao de Tasso. Seu irmão, Ivo Gomes, também assumiria a missão de dar uma resposta às críticas recebidas de Tasso Jereissati: “nosso governo não pertence ao ciclo de Tasso Jereissati. Esse governo é a inauguração de um novo ciclo no Estado do Ceará” (*Idem*, 26/06/2010, p. 18).

Selados os lados da disputa, o próximo capítulo seria dado pelas convenções de homologação das candidaturas. No sábado (26 de Junho), o PSDB homologa os nomes de Marcos Cals como governador e Pedro Fiúza como vice, ambos do PSDB, e de Tasso Jereissati como senador, pela coligação “Ceará moderno e forte”. Mais uma vez Tasso direciona ataques a Cid Gomes: “tudo aquilo que nós combatemos voltou novamente”;

segundo ele, teria aberto a mão de apoiar Cid para “não matar” sua história política, apesar de ter a possibilidade de “salvar o mandato”: “graças a Deus acordei a tempo”. No mesmo dia, Cid anuncia seu apoio a Pimentel e Eunício (*Idem*, 27/06/2010, p. 20). A convenção de Cid Gomes, realizada no domingo (27/06) e que contou com a presença de Ciro Gomes, não poderia ter outro tom: “Cid e aliados respondem a Tasso” (*Idem*, 28/06/2010, p. 13). Cid Gomes foi enfático e dirigiu explicitamente suas críticas a Tasso: “aqui nesse grupo não tem mangueira. Nada se cria debaixo de uma mangueira. Ela solta uma resina que mata tudo debaixo dela”. Ainda segundo a matéria, Cid explicava “a diferença de perfil de sua aliança”, ou seja, a possibilidade de estimular “novas lideranças”.

A campanha de Tasso Jereissati ao Senado Federal terá uma forte conotação local, dando ênfase aos seus feitos quando esteve à frente do Executivo Estadual, sem uma clara delimitação do Senado como seu campo de atuação. Assim, parecerá que disputa com Cid Gomes, e não com a dupla Eunício-Pimentel. Em seu primeiro comício, Tasso apresentava um Ceará que, segundo ele, estava “parado”, com a “pior situação de todo o nordeste”, inclusive fazendo com que a população tenha “medo do governo” (*Idem*, 10/07/2010, p.2). Tal quadro devia-se ao fato de que “os hábitos políticos não estão indo bem”. Esse mesmo tom dará o toque aos programas eleitorais exibidos na TV: Tasso foi aquele que melhor cuidou do Ceará. Assim, o anti-*ethos* de Tasso não estava em seus concorrentes diretos, mas em Cid. Vejamos o comentário do jornalista Fabio Campos, em sua coluna política:

Tasso Jereissati conhece bem o peso do governador para decidir a disputa de senador. Não é à toa que, até aqui, a campanha do tucano mira Cid Gomes e não os seus concorrentes. Já assistiram Tasso falar de Pimentel ou de Eunício? Dificilmente vão vê-lo citar esses nomes. É que a batalha se dá em outro campo. Tasso sabe que o peso do governador na disputa é que precisa ser combatido. (*Idem*, 20/07/2010, p.18).

A par disso, percebemos que a estratégia de Tasso de não dirigir-se a seus concorrentes, mas a um outro, lembra a estratégia semelhante de Lúcio Alcântara em 2006 que, disputando com Cid Gomes o Governo do Ceará, elege não este mas Tasso como seu “anti-*ethos*” (CARVALHO, op.cit., p.37). Tasso passa a referir-se a Cid como um “futuro ex-amigo”, que aliou-se a “adversários e ex-amigos” para derrubá-lo (Diário do Nordeste, 13/09/2010, p. 5). Cid Gomes responderia a Tasso tentando pôr fim às desavenças: “candidato a senador debate com candidato a senador” (O Povo, 14/09/2010). Em 18 de setembro, a imprensa cearense divulgava o encontro de Lula em Brasília com Cid, Eunício e Pimentel para a gravação do programa de TV em que Lula pediria votos para os dois candidatos ao Senado. A resposta da campanha de Tasso foi imediata: a gravação e a exibição, ainda na noite do dia 16 de setembro, de um depoimento de Tasso em que este se defendia dos ataques e apresentava uma prestação de contas de seu mandato. A apresentadora falava de um Tasso que “sabe conviver com a diferença”, que “não diz sim para tudo” e cujo único interesse é “defender o que é melhor para os cearenses”. Logo depois, na tarde de 18 de setembro, a coligação de Cid Gomes exhibe o vídeo gravado em Brasília. Contendo 6 minutos, em sua maioria foi protagonizado por Lula. Uma sala de reunião, com Lula tendo a seu lado Cid, na posição mais próxima do eleitor, Eunício ao lado de Cid e Pimentel um pouco mais afastado. Inicialmente, Lula elogia Cid Gomes mas já parte para cima de Tasso Jereissati, em referências implícitas: “*Eu peço ao povo do Ceará que não permitam que a Dilma passe o que eu passei: senadores com ódio, trabalhando para tudo dar errado, senadores trabalhando contra o Brasil*”. Em seguida é a vez de Cid Gomes tomar a palavra e entrar de vez na disputa, declarando a necessidade do voto “casadinho” nos dois candidatos.

A eleição termina com a primeira derrota eleitoral de Tasso Jereissati no Ceará, a diminuição considerável de deputados estaduais (de 15 para 7) e federais (de 7 para 2) do PSDB, a derrota de Marcos Cals ao governo do estado e a consagração de Cid Gomes nas urnas, em uma disputa pouco competitiva, vence em primeiro turno com mais de 62% dos votos válidos, elege os dois senadores e uma extensa bancada de deputados estaduais (só do seu partido foram 12) e federais, inscrevendo-se na história do Estado como uma nova liderança política, em um novo ciclo de poder.

Referências

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras Lições sobre a Sociologia de P. Bourdieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: DIFEL, 1989.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de. **Transição Democrática Brasileira e Padrão Midiático Publicitário da Política**. Campinas, OS: Pontes, 1999.

_____. **O Retorno da Competitividade da Disputa pelo Governo do Ceará em 2002**. In: Encontro anual da ANPOCS, 27, 2003, Caxambú. Resumo dos trabalhos. Caxambu: [s.n.], 2003.

_____. **Fronteiras Simbólicas Borradas na Transição de Ciclos Políticos: a campanha para o governo do Ceará de 2006**. In: Fortaleza: UFC, Revista de Ciências Sociais. V.39, n.1,2008.

_____. **O Ceará na Década de 80: Atores políticos e Cenários sociais**. Campinas, SP: Pontes
MOTA, Aroldo. **História Política do Ceará (1987-1991)**. Fortaleza: MultiGraf Editora, 1992.

NOBRE, Maria Cristina de Queiroz. **Modernização do Atraso: a hegemonia burguesa do CIC e as alianças eleitorais da “era Tasso”**. 2008.325f. Tese (Doutorado em Sociologia)- Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2008.

PARENTE, Josênio. **A Fé e a Razão na Política**. Fortaleza: EdUECE, 1999.

